

NOTICIAS DA LANCHA

ORGÃO INFORMATIVO DA LANCHA POVEIRA DO ALTO

LA LANCHA POVEIRA ARRIBO, EN SU PRIMERA SINGLADURA, AL PUERTO DE A GUARDA

Por ELISEO ALONSO (*)

Llegaron por el mar, en la singladura Póvoa de Varzim-A Guarda, a bordo de su lancha poveira do alto, ciñendo el Nordés, barloventeando rememoraciones, de cuando lograban escapar de la mar cruel. Toda esta epopeya, con su bello y trágico sabor náutico, acontecía hace ya más de medio siglo. Arribadas forzosas y aquel peregrinar, entre la ola y la vida, a la capilla de Santa Tecla para grabar sus marcas votivas en acción de gracias.

A la altura de la foz del Miño, y como en los tiempos, comenzó a distinguirse la divisa de los piques de su marca, los óculos, el pez, que además de su función mágica, sirve para identificar a la embarcación. Si, era la "Fe em Deus", navegando por su derrotero saudoso, entrando en la bocana sentimental del puerto guardés. A las órdenes del mestre del lanchón saltaron a tierra sus catorce tripulantes, entre los que venfan viejos lobos de mar, miembros del Club Naval, así como Manuel Lopes, director del Museo de Etnografía e Historia y Manuel Vilaça, presidente del Sindicato de los Pescadores.

UNA ORGANIZACION ENTUSIASTA

En el muelle, en medio de una emocionada multitud, recibieron la bienvenida de la Agrupación Cultural Guardesa, con su presidenta Julia Sobrino y miembros directivos al frente, corresponsales de prensa y televisión y los grupos de baile y gaiteros que actuaron en este cálido recibimiento a los nautas. A seguir, ofrecidos por la Agrupación Cultural - entusiasta organizadora de todos los actos - fueron entregadas una placa y una cerámica conmemorativa a los señores Lopes y Vilaça, en representación de la embajada marítima que nos visitaba. Se intercambiaron breves palabras de salutación y recuerdos volviendo a actuar los grupos de gaitas y danzas ataviados con el traje regional.



comemorativa a los señores Lopes y Vilaça, en representación de la embajada marítima que nos visitaba. Se intercambiaron breves palabras de salutación y recuerdos volviendo a actuar los grupos de gaitas y danzas ataviados con el traje regional.

LA SAGA MARINERA

Los anfitriones dieron de beber a las tripulaciones de la lancha y del remolcador, vino de O Rosal, para apagar la sed de la sal y el viento.

Todo ello, con sabor eminentemente popular, fue una emotiva evocación de la saga marinera de los poveiros, que volvieron a anudar - con nudo marinero - los ancestrales lazos existentes entre la Póvoa de Varzim y A Guarda. Gestados por estas relaciones, muchos poveiros se quedaron por aquí y otros tantos guardeses se fijaron en la Póvoa. Familias con los gentilicios de "pobeiros" y "barqueiros", apellidos comunes en ambas orillas, confirman el fondo antropológico de estas dos comunidades de similar destino y hermanadas por la mar.

La estampa de la lancha poveira do alto - que se corresponde con la de los volanteiros guardese - es de amurada alta y lanzada de proa. Ambas embarcaciones, de bastante tonelaje - esta poveira registra las dieciseis - son muy marineras y de fácil maniobra por su doble proa. Y así, con su buen navegar, fueron languideciendo hasta hace unos sesenta años en que se extinguieron.

Al día siguiente, en el muelle, el mestre del lanchón contempló el cielo, cambiando impresiones con su tripulación. Y con un viento anordestado, soplando fuerte, pero que él consideró bonancible - mismo que si como antaño diesen vuelta a una teja de la ermita de Santa Teqra - dio la orden de partir. A bordo comienza el trajín, bien acompañados, ayudándose mutuamente, ou, ou, proa, re, hablando alto según la costumbre de estos pescadores. Con bello sabor marinero se coloca en su sitio la lancha en medio de la caleta. Por fin cantan las poleas, mientras un par de hombres izan la vela, cuya envergadura es mayor que la eslora de la embarcación - 15,40 metros - aguantando sus 147 metros cuadrados de paño, que también servía para cobijar a la tripulación.

Y los de la "Fe em Deus" salieron a marear por su conocido Mar dos Galegos, de la Champana, del Mar Novo, por donde la original lancha andaría a la merluza. Marinera y hermosa, galopando olas, se perdió en el horizonte, ala de gaviota, la vela de la "Fe em Deus". Desde el muelle los despedimos con el viejo saludo, "Vao com Deus" y un feliz ala arriba en la playa poveira.

IN "La Voz de Galicia", Vigo, 30. Outubro. 1991

(*) Escritor e jornalista galego, dedicado estudioso das relacións entre as comunidades guardesa e poveira.

La lancha «Poveira»
llega hoy a A Guarda
procedente de la
localidad portuguesa
de Póvoa de Varzim

La lancha «poveira»
tuvo que ser remolcada
desde C... hasta A
vido al
n contra

scilia Alba-
na previsto,
rde del pa-
uerto de A
ira» que,
rtuguesa
calizaba
movida
Eliseo
lés Ri-
ación
Juar-

erto
dor
a-
so
le

A embarcación
'Lancha Poveira
do Alto' arribará
hoy en A
Guarda

RINDEZUFENTE
A GUARDA

Hoy, a las 8 de la mañ
hora portuguesa
del puerto de Póvoa
rim. La embarcación
rim. Poveira de
Póvoa

La 'Lancha Poveira' arribó
do A Guarda

MINHA RICA SANTA TREGA

Somos daqueles poveirinhos que tantas vezes assubiram este vosso sagrado Monte, nas suas arribadas à costa norte, em busca do abrigo da vossa GUARDA e da vossa milagrosa protecção.

Há séculos e séculos que demandamos estas terras verdejantes da Galiza, vindos do Mar que, para nós, foi sempre ancho e sem fronteiras.

Navegamos naquelas lanchas e bateis que, certamente, não esquecesteis. E já balbuciávamos, respeitosamente, o vosso nome logo que se divisava o Monte Parqo e o Verde do Montinho deste nosso Mar da Champana, onde deixamos marcas e conhecenças que ainda hoje a memória guarda e transfigura: do Parqo ao relógio de La Guardia; do Parqo a Terrosos; às Marmotas; à Requeira Doida; ao Côto de Santa Trega e à Vila de La Guardia.

Gravamos as nossas siqlas de família na velha porta da vossa Capela. E tantas, tantas vezes, viemos aqui virar as telhas do vosso telhado para que o Vento também virasse, e as roncadeiras do Norte empurrassem a pôpa dos nossos barcos rumo à Póvoa.

Quantas vezes cantamos o que os livros agora registam para sempre:

"Minha rica Santa Trega
Dai-nos ventinho de pôpa
Que nos queremos ir embora
E temos a vela rota"

Regressamos hoje, neste dia da vossa Festa e aqui preitamos a nossa gratidão e reconhecimento pelo amparo que concedesteis às nossas gentes do mar.

"Senhor, que livrastes a bem aventurada Santa Tecla, virgem e mártir, de três tormentos crueis, nós vos suplicamos que na vossa bondade vos digneis conceder a graça do vosso perdão e todo o auxílio e amparo que tanto necessitamos.
Aceitai Bem Amada Santa Tecla esta modesta oferta dos frutos do mar da nossa terra, como simbolo da grata devoção das gentes da grei poveira.

Texto lido por Albina Pinheiro Marques, em nome da Delegação Poveira formada por homens e mulheres envergando trajes antigos da nossa comunidade marfítima, sonelizando a oferta simbólica de uma cesta de navalheiras.



Festas Religiosas de Santa Tecla, La Guardia, 23 de Set. 1991.

Participação das gentes poveiras na Procissão de Santa Tecla e no ritual das oferendas em que é costume incorporarem-se sete paróquias - Irmandades do Clamor - que entregam, para leilão, "os frutos da terra e do mar".

A FÉ E A PESCA

Que tenham sido as pregações dos padres apostólicos na nossa terra, ou que, quando delas, já existisse entre os Poveiros a devoção a N.ª. S.ª. da Lapa, o que há de certo é que, em 1759, já os devotos requeriam a Sua Ex.ª. Reverendíssima o Senhor Arcebispo e Senhor de Braga, etc., para que este autorizasse que se puzesse ao culto uma pequena imagem de N.ª. S.ª. da Lapa na ermida ou capelinha de S. Roque, à Junqueira, ermida antecessora da actual capela. E, tão grande era a devoção que, na mesma ermida se instituiu, em 1761 (15.Jul., com aprovação de Estatutos em 12.Set. do mesmo ano) uma "Confradia de N.ª. S.ª. da Lapa, Amparo dos Homens do Mar"; e, para que "esta se não possa estabelecer em mais sólidos fundamentos, que os do continuado concurso de cada um dos Irmãos della. Ordenamos, que todos os Mestres de Lanchas, bateis ou embarcações de pescaria com Redes, ou Saramonas, que forem aceitos por Irmãos desta Confradia; e da mesma sorte seus sócios, ou Marinheiros, que trabalharem e servirem com ellas nas ditas embarcações, bateis ou Lanchas, sejam obrigados a trazer nellas, e em cada uma dellas em quanto vivos forem, ou uzarem da Arte e exercício da pescaria, hãa Rede denominada Snr.ª. da Lapa, para que ametade do seu rendimento em cada hum anno seja para esta Confradia" (Estatutos citados, Cap.º. IV - Das obrigações dos Irmãos desta Confradia, §.º. 1.º.). Instituiu-se, assim, a Rede da Senhora para se poder fazer face às despesas com o culto divino.

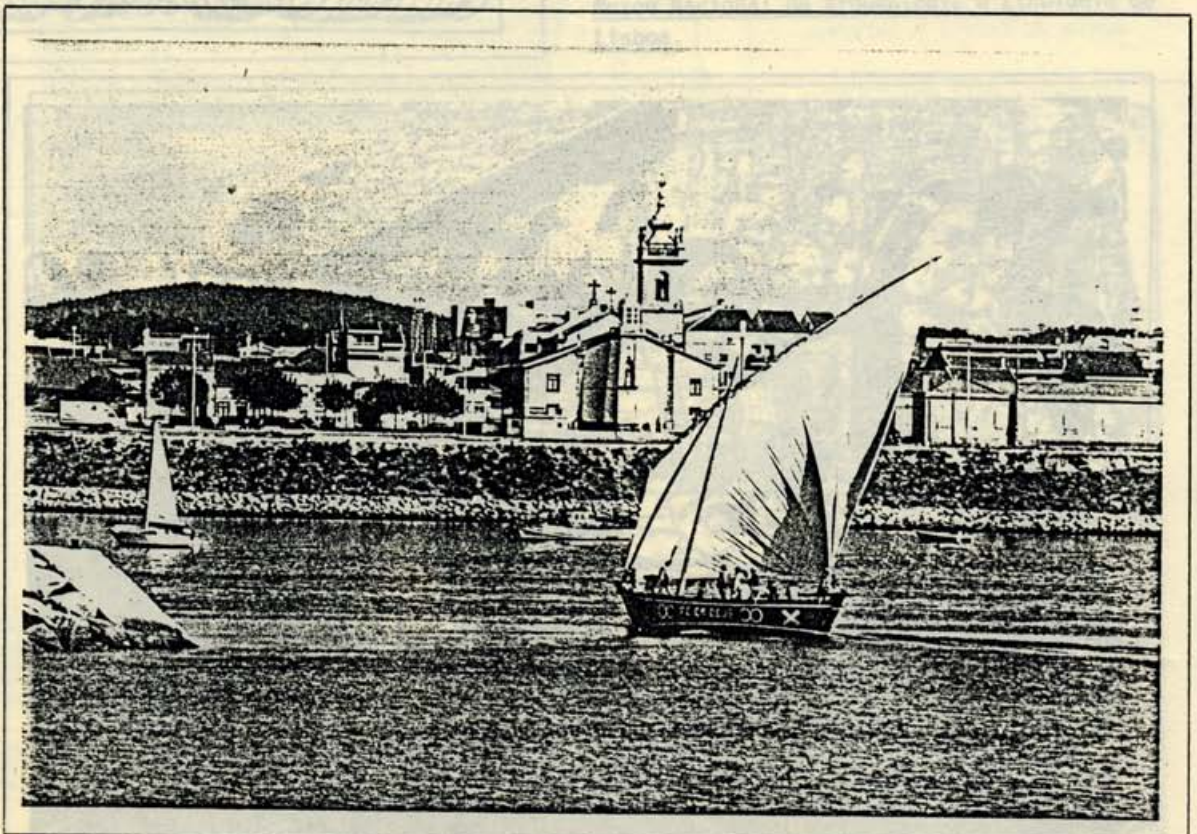
Saliente-se que só podiam ser Irmãos da Confradia os "Mestre de Lancha que vão ao Mar, ou pescadores que exercam a Arte de pescaria, ou Marinheiros que trabalhem nas Lanchas delle" (estatutos citados, Cap.º. III - Da aceitação dos Irmãos, §.º. 1.º.).

Como a ermida ou Capelinha de S. Roque era excêntrica em relação ao bairro sul, cedo se começou a pensar em erguer igreja própria; e as vistas foram logo lançadas para o sítio onde fora o Facho da Ordenança, também "Sinal de marca de entrada da barra para as embarcações entrarem". E, assim, com os rendimentos da Confradia e empréstimos, as Mesas de 1770 - 1771 e 1771 - 1772 promoviam af a construção da primitiva capela-mor e primitivo farol privativo, sempre com os olhos postos na ampliação para igreja. Benzida a capela em 15.Ago.1772, o culto a N.ª. S.ª. da Lapa transferiu-se de S. Roque para af (estiveram em S. Roque de 1761 a 1772 - 11 anos); mas, por exiguidade de dependências, as Mesas continuaram a reunir em S. Roque.

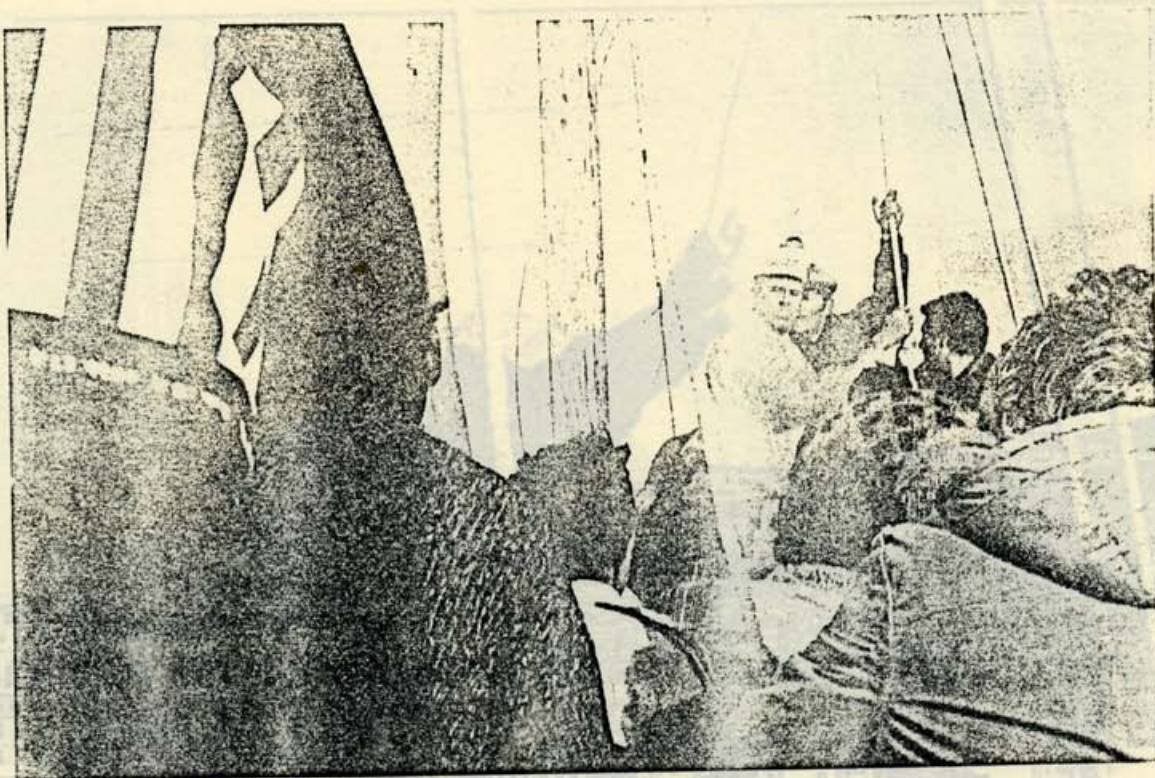
Passados 30 anos sobre a instituição da "Confradia de N.ª. S.ª. da Lapa, Amparo dos Homens do Mar" (1761 - 1791), a Rafnha Senhora D. Maria I declarava-se protectora da Confradia, outorgando-lhe novo Estatuto, isentando-a da jurisdição paroquial. Por Alvará de 21.Fev.1791, a Confradia recebia o título de "Irmandade de N.ª.S.ª. da Assunção", título que, em 1883, por Mercê do Senhor Rei D. Luiz I, passou a ser precedido de "Real".

Vejamos, agora, o que se passou, nos novos Estatutos (fins de culto e fins sociais) com a "Rede da Senhora". No Cap.º. II - Das obrigações dos irmãos pescadores - diz-se, depois de um preâmbulo: "... nos comprometemos e ordenamos por

principal obrigação de todos e de cada um dos irmãos d'esta Irmandade, e dos que com os mesmos irmãos pescadores andarem na pescaria, assim ao presente como no futuro: que sejam obrigados a concorrer com o seu trabalho de ajudar uns aos outros a levar e trazer no mar uma rede, que será d'esta Irmandade e deve trazer cada embarcação que uzar de malha, a qual se lhes dará por







1 - 19.Out.91 - Partida para La Guardia com a tripulação preocupada com a ventania que se fazia sentir depois da saída da barra. Alguns tripulantes haveriam ainda de safr logo no início do percurso.

2 - Arribada ao porto de pesca de La Guardia.

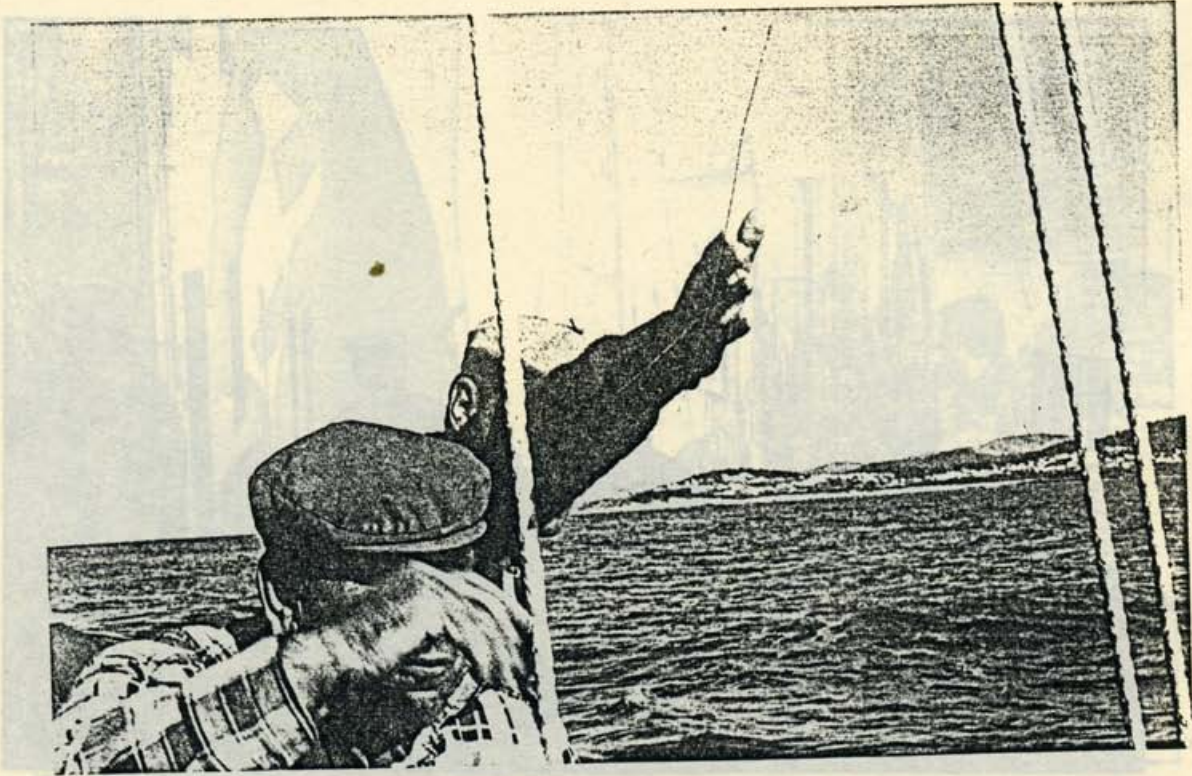




3 - 30.Out.92 - A caminho do molhe, pelo bairro marinho de La Guardia, em regresso à Póvoa.

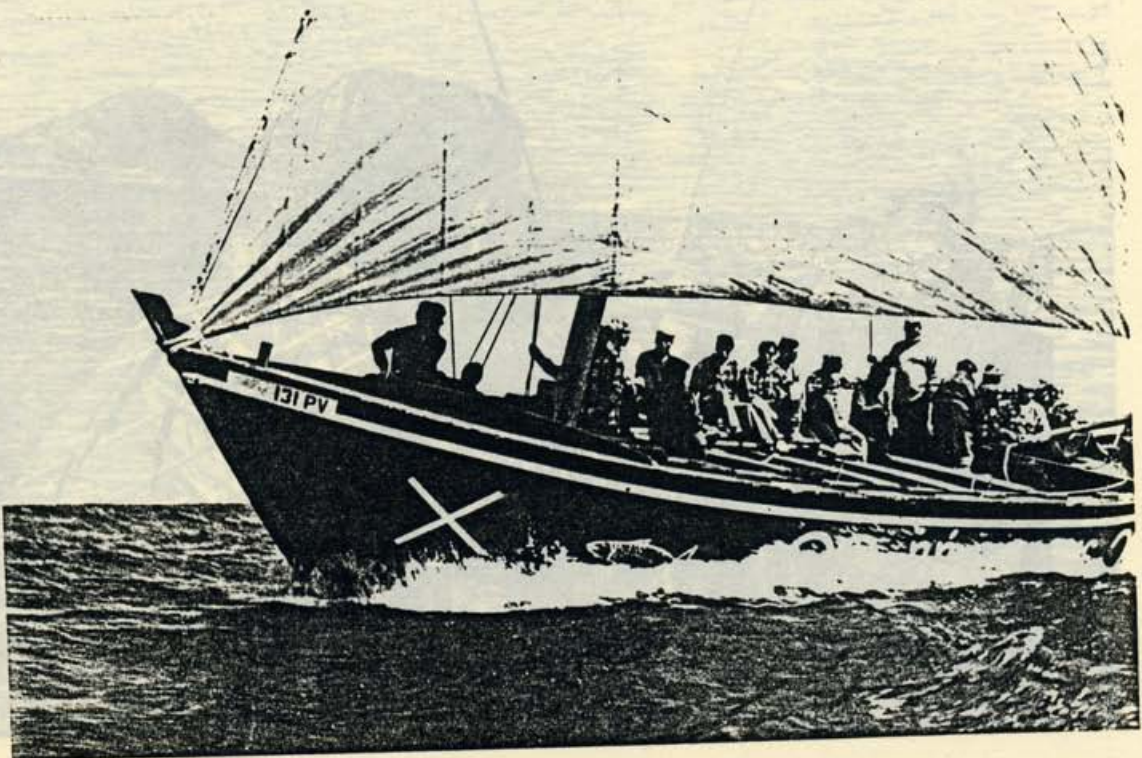
4 - Regresso à Póvoa, com a Lancha navegando à vista do Monte de Santa Tecla.





5 - Ao largo de Afife procurando descobrir aonde sopra o vento.

6 - A Lancha Poveira cortando as águas oceânicas a caminho da Póvoa.



ordem desta Irmandade e Mesa d'ela, sendo a metade do seu produto e rendimento anual para o fundo e administração da mesma Irmandade, e a outra metade para a pessoa que der a rede e que a trate e beneficie em terra, assim como se pratica com as redes que dão os mieiros, e da pesca de linha um quarto de quinhão..."

Como se vê, uma "carga" mais proporcionada aos ganhos das Lanchas (malha larga) - pesca da pescada, Bateis (malha estreita) - pesca da sardinha e do congro, e Catraias (pesca à linha) - pesca costeira, nomeadamente da faneca.

As primitivas obras para a construção da que seria a Igreja da Lapa (primitiva capela-mor e primitivo Farol da Confradia da Lapa) só seriam retomadas com a Mesa de 1813 - 1814; e, por períodos, durariam até à Mesa de 1863 - 1864, sendo de salientar que se ampliou ao comprimento e à largura a primitiva capela-mor e se fez novo farol da Irmandade.

Exclusivamente com o rendimento da "Rede da Senhora" (Confradia da Lapa - 1761 - 1791) e da "Rede da Irmandade" (Irmandade da Assunção - 1791 a nossos dias) foi possível manter o culto com toda a elevação e dignidade, realizar a construção da Igreja da Lapa e, além disso, especialmente com a Irmandade da Assunção, promover uma alta acção social (auxílio, aos pescadores e suas famílias, na doença, na velhice, na indigência, na viuvez e na orfandade, etc.).

É interessante salientar que, de 1813 a 1864, a construção do templo exigiu, por vezes, maiores esforços. Vejamos a evolução da "carga" sobre os trabalhadores do Mar: 1830 - 1831 a 1834 - 1835 - L - 1/2 Rede; B - 1/4 de Quinhão; 1835 - 1836 a 1840 - 1841 - L e B - 1 Rede; C - 1/4 de Quinhão; e 1841 - 1842 a 1844 - 1845 - L - 1/2 Rede, B - 1/2 Quinhão, e C - 1/4 de Quinhão (Quinhão era o ganho de um homem/ano). Além de um maior esforço pedido aos trabalhadores do Mar, deve no entanto esclarecer-se que o período de 1835 - 1841 foi o de maior contribuição das Lanchas, Bateis e Catraias, pela média do seu número; e o de 1841 - 1845, o de maior média de Bateis e Caraias.

Arredada, pela emigração, para o Brasil, a pesca dos barcos de boca aberta - e em sua consequência, e obrigados a deslocarem-se os pescadores para a pesca nas traineiras em Matosinhos, nem por isso o princípio de contribuição para a Irmandade, com base no seu trabalho, os nossos bravos Homens do Mar deixaram de realizar e respeitar o princípio da parcela anual do seu trabalho ao serviço da Fé. E o mesmo quando, regressados à Póvoa, passaram à pesca artesanal nas motoras e gasoleiros; nem emigrados para trabalharem na pesca em Angola e Moçambique.

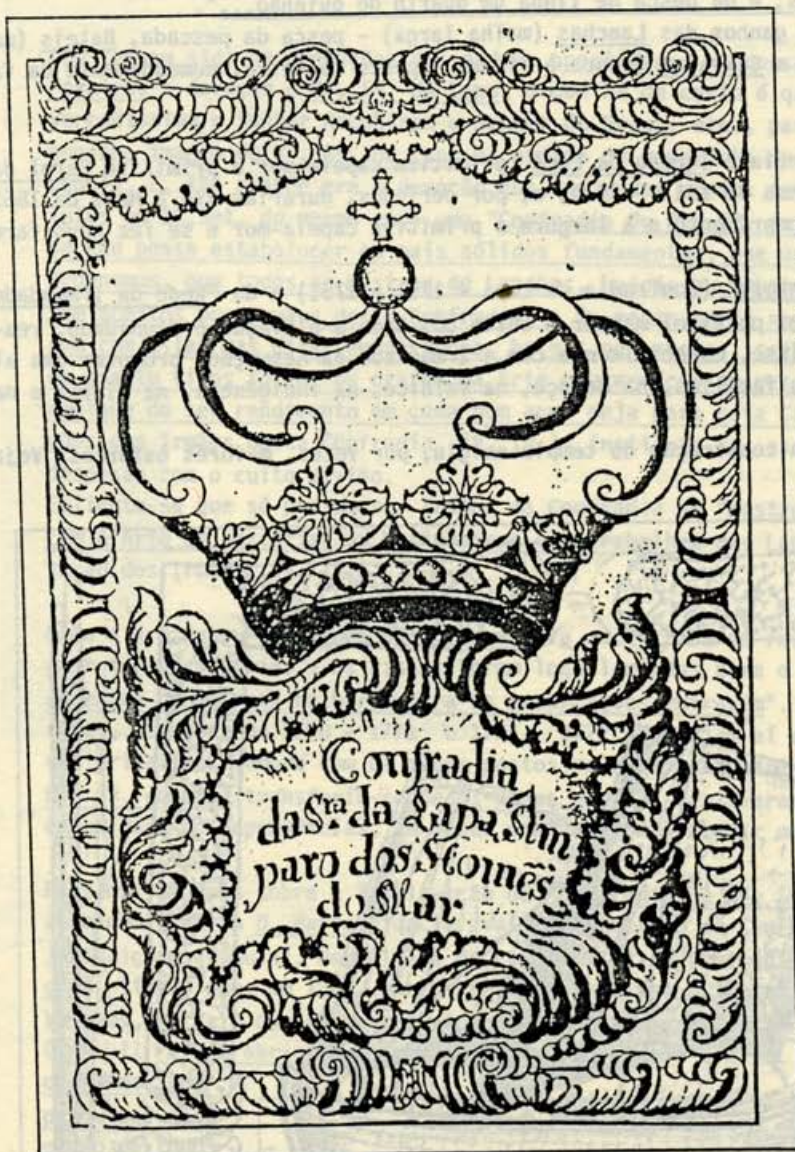
Julgo ter mostrado que o espírito cristão da nossa gen



Lancha Poveira de dois Mastros - Portada do livro "Assentos das Lanchas e Bateis..." Arquivo da Confraria de N^a.S^a. da Lapa, 1778

te do Mar tem sabido, ao longo de mais de dois séculos, pôr a Pesca ao serviço da Fé.

Martins da Costa



Póvoa de Varzim. Biblioteca Municipal "Rocha Peixoto". Folha de rosto do Livro dos Estatutos da Confradia da Sr.ª. da Lapa, Amparo dos Homens do Mar - 1761

Ex-voto proveniente provavelmente da Senhora da Lapa, Póvoa de Varzim contendo a seguinte legenda:

M. que fez N. Sr.ª da Lapa a Iozé Gomes Viza e/a Manoel da Costa Crav. ro os quais sahindo nos se os bateis con-a sva gente estando o mar e tempo bom se=/levantov de tal sorte o mar e temporal que obrigados/a darlhes a popa como fizerão entrando no porto da/Gvarda (La Guardia) milagrozam. te poe m.e da Sr.ra no anno de 17|60|

Óleo sobre tábua de 44.8x30.7, da colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa.



M. QUE FEZ N. S.ª DA LAPA A IOZÉ GOMES VIZA. E A MANOEL DA COSTA CRAV. OS QVAIS SAHINDO NOSSE OS BATEIS CON-ASVA GENTE. ESTANDO O MAR E TEM PO BOM. SE LEVANTOV DE TAL SORTE O MAR E TEM PORAL. QUE OBRIGADOS ADARLHES APOPA COMO FIZERÃO. ENTRANDO NO PORTO DA GVARDA MILAGROZAM. POR M.ª DAS.ª NO ANNO DE 1760

CONCOURS NATIONAL BATEAUX DES CÔTES DE FRANCE

Fiche d'inscription

Nom du candidat: MUSEU MUNICIPAL DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DA PÓVOA DE VARZIM
(Personne physique ou morale)

Adresse: Rua do Visconde de Azevedo - 4490 PÓVOA DE VARZIM / PORTUGAL

Nº de téléphone: 616200

Nom du responsable du projet: Manuel José Ferreira Lopes

Adresse:

Nº de téléphone: 616000/616200

Type de bateau: LANCHE (Type "Lancha Xeiteira" de Galice/Espanha N.W.)
L. 12,40 m. l. 4,50 m. TE. 1,45 m./ 16 t.srq.

Créement: Misaine Bretonne

Description sommaire du type de bateau, de son origine et de son mode d'utilisation: Bateau avec structure normale (quille, étrave et membres). Construction méditerranéenne (skeleton technique) utilisée pour la pêche dans les eaux profondes avec seines flottantes.

Coût estimé de la reconstruction ou de la restauration: seis mil contos (c)

Je soussigné *Manuel José Ferreira Lopes* représentant le projet "Lancha Poveira do Alto" déclare m'intéresser au concours Bateaux des côtes de France après avoir pris connaissance du règlement et accepte les décisions souveraines du jury.

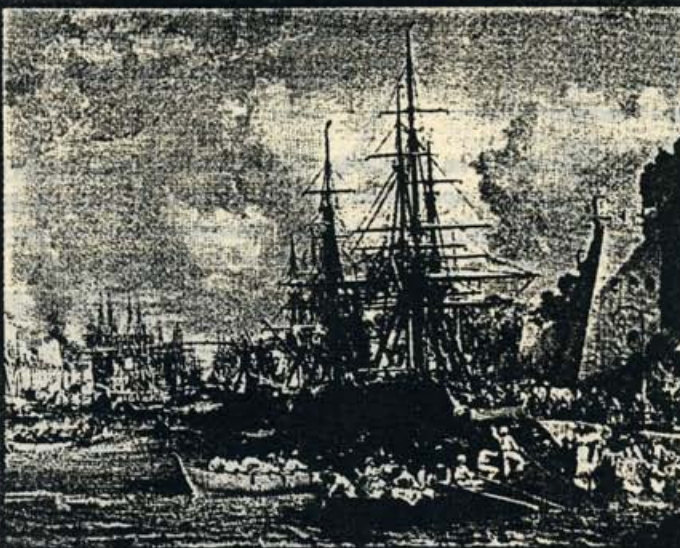
Fiche à retourner à: Le Chasse-Marée - B.P. 159
29171 Douarnenez cédex
Tél. 98 92 66 33

A Póvoa de Varzim, le 4. Set. 1991

Signature

Faltam oito meses. Da França, não cessam de chegar apelos e incentivos à participação da Lancha Poveira no Festival Internacional de Vela Tradicional Brest/92. São palavras amáveis, mas não chega. A questão do transporte da Lancha continua em aberto. As empresas transitárias consultadas apresentam custos muito elevados. Por via terrestre, as dificuldades prendem-se com a largura da embarcação, exigindo condições especiais de transporte e de segurança. Por via marítima, os problemas dizem respeito à natureza, pouco usual, de uma carga que só os navios "granoleiros" podem receber. E mesmo assim, em rotas que não tocam o porto de Brest. A França fica longe. Quem nos acode?

BREST 92



chasse-marée